

O RECOPIADOR LIBERAL.

A vil ambição do mando presta auxilio á tyrannia, se deixa escravisar para dominar, entrega os Povos para participar dos seus despojos, e renuncia a honra para obter dignidades, e títulos.
(RAYNAL.)

PORTO ALEGRE 1852: NA TYPOGRAPHIA DE V. F. DE ANDRADE, RUA DA IGREJA NUMERO 36.

INTERIOR.

Parallelo do homem selvagem no estado de Natureza, e no de Sociedade.

É um objecto de curiosidade interessante o saber, ou examinar, se as Nações todavia meio selvagens são mais, ou menos felizes, que nossos Povos civilizados; se a condição do homem bruto, abandonado ao puro instincto animal, que um dia empregado em cassar, comer, produzir seu semelhante, e descansar, é o modelo de todos os dias de sua vida, é melhor, ou peor, que a de um ente maravilhoso, que escolhe a penna para deitar-se, fia o producto do bixo de seda para vestir-se, troca a cova, que foi sua primeira vivenda em um sump-tuoso palacio, e sabe variar suas conveniencias, e necessidades de mil maneiras diferentes.

Os meios de felicidade devem buscar-se na natureza do homem. Que necessita para ser feliz? Nada mais do que a subsistencia para o dia; e se pensa no vindouro, a esperança, ou certeza de poder satisfazer esta primeira necessidade. Por outra parte, carece o selvagem d'este absoluto necessario? Se de antemão não se procura provisões, porque a terra, e o mar são uns armazens inexgotaveis, continuamente abertos á suas necessidades. A cassa, e a pesca todo o anno podem supprir á esterilidade das estações infructiferas. O selvagem não tem casa bem fechada, nem leito comodo; porem as pelles lhe servem de tecto, vestido, e cama. Não trabalha senão para sua utilidade propria; dorme quando está cansado, não conhece os disvélos, nem a falta de sono: para elle a guerra é voluntaria. Tanto o perigo como o trabalho é uma condição de sua natureza, não uma profissão, um dever da Nação, e não uma escravidão de familia. O selvagem está serio, porem nunca triste: raramente em seu semblante se conhecem os feios, e funestos signaes, que deixão as paixões, e enfermidades. Não pode carecer do que não deseja, nem desejar o que não conhece. A maior parte das commodidades da vida não são mais que remedios dos males, que não sente. Os pra-

seres suavisaõ appetites, que nada excita em seus sentidos. O desgosto não tem entrada na sua alma, por que não experimenta privações, nem necessidades de sentir, ou obrar, nem este vazio, que crião as preocupações da vaidade. Em uma palavra, o selvagem não sofre outros males, que os da natureza.

Porem o homem civilizado, em que funda sua maior felicidade? Seu alimento é mais saõ, e deicado, que o do selvagem; tem vestidos mais suaves, um asilo menos exposto ao rigor das estações. Porem o comum do Povo, que deve formar a base, e o objecto da policia social, esta multidão de homens, que em todos os estados supportão os trabalhos duros, e os cargos de sociedade, este Povo, digo, é feliz nos imperios onde as consequencias da guerra, e a imperfeição da policia o tem constituido escravo, ou nos governos onde os progressos do luxo, e da politica o tem conduzido á escravidão? Nos governos temperados deixão trans-luzir alguns raios de felicidade com uma sombra de liberdade: porem, á que preço se compra esta segurança? Com rios de sangue, que por alguns instantes repellem a tyrannia, para de novo deixal-a dominar com maior violencia, e ferocidade em uma Nação tarde, ou cedo opprimida. Veja-se de que maneira os *Caligulas*, e os *Neros* vingarão a expulsão dos *Tarquinius*, e morte de *Cesar*.

A tyrannia, disem, é obra dos Povos, e não dos reis. Porque não se reclama contra os attentados do despotismo com um ardor igual á violencia, e artificio, que este emprega para apoderar-se de todas as facultades dos homens? Porem, é acaso permittido queixar-se e murmurar debaixo do açoute do oppressor? Não é irrital-o, excitá-lo á castigar a victima até que exhale o ultimo suspiro? Um tyranno encara os clamores da escravidão como um acto de rebellião, e porisso os faz calar com um obscuro carcere, e muitas vezes com um supplicio. O homem, que reclamasse os direitos do homem, pereceria no abandono, ou infamia: e porisso se vê redusido a supportar a tyrannia, debaixo do nome de auctoridade.

Isto supposto, á que ultrages não se acha exposto o homem civilizado? Se tem alguma propriedade, até que ponto pôde estar seguro d'ella, quando se vê precisado a dividir seu producto entre o cortesão, que pôde atacar seu fundo, o legista que vende os meios de conserval-a, o militar, que pôde devastal-a, o dependente de rendas, que percebe direitos sempre illimitados no poder, que os exige? Sem propriedade, como poderá prometter-se uma subsistencia duravel? Que genero de industria está ao abrigo dos acontecimentos da fortuna, e dos golpes do governo?

Nos bosques d'America se a carestia domina o lado do Norte, dirigem-se as correrias para o meio dia. O vento, ou o sol conduzem uma povoação errante á climas mais temperados. As portas, e barreiras, que fechão nossos estados civilizados são um verdadeiro carcere, se a fome, a guerra, ou a peste semeão a mortandade no interior de um imperio, no qual é forçoso de miseria, ou dos horrores sangui-nolentos das batalhas. O homem, que desgraçadamente nasceu nesse malfadado Paiz se vê condemnado a soffrer todos os rigores, que podem exercer a inclemencia das estações, e a injustiça dos governos.

Em nossas campos o colono sujeito á servidão, ou mercenário livre, todo o anno lavra terras, cujo sólo, e fructo lhe não pertencem, e se considera mui feliz quando seu trabalho assiduo lhe vale uma pequena parte da que semeou. Atormentado por um proprietario inquieto, e duro, que observa seus menores movimentos, que lhe disputa até a palha sobre a qual seus membros fatigados buscão momento de descanso; este infeliz, diariamente se expõe á enfermidade, que aggregadas á carestia á que o reduz seu estado, o fazem desejar a morte com preferencia a uma cura dispendiosa, percursora de achaques, e penas. Foreiro, ou visinho é duplicadamente escravo, e se tem algumas fanegas de terra, um senhor colhe n'ellas o que não semeou. Se tem uma junta de bois, ou cavallos está obrigado á occupal-os no serviço de seu senhor; e se não tem mais, que sua pessoa, o principe o leva para a guerra. Em todas as partes ha donos e nunca falta vexações.

Em nossas Cidades o jornaleiro, e o artista soffrem a lei dos amos avidos, e ociosos, que pelo privilegio do monopolió, tem comprado ao governo a facultade de faser trabalhar a industria debalde, e vender seus productos mui cáros. O Povo só tem o expectaculo do luxo, do qual é victima tanto pelas vigalias, e fadigas, que lhe custa, como pela insolencia de um fausto, que anniquila.

Ainda quando soubessemos, que o trabalho, e os perigos de nossos officios destruc-

tores quaes são as canteiras, as minas, as fraguas, e todas as artes de fogo, a navegação, e o commercio em todos os mares serião meros penosos, e prejudiciaes, que a vida errante dos selvagens, caçadores, ou pescadores; quando creríamos, que uns homens, que se lamentão por penas, affrontas, e males, que não são mais, que de opinião, são menos desgraçados, que uns selvagens, que ainda em meio dos tormentos, e supplicios, não vertem nem uma só lagrima, haveria comtudo uma infinita distancia entre a sorte do homem civilizado, e a do selvagem: differença, que toda seria em desvantagem do estado social. Na desigualdade ficticia das fortunas só reina a injustiça; desigualdade, que a oppressão gera, e reproduz.

Vãmente o habito, as preoccupações, a ignorancia, e o trabalho embrutecem o Povo até impedil-o de sentir sua degradação, nem a religião, nem a moral podem vendiar-lhe os olhos sobre a injustiça da repartição dos bens, e males da condição humana na ordem politica. Quantas vezes temos ouvido a homem do commum do Povo perguntar ao céu qual era seu crime por ter nascido em um extremo estado de indigencia, e sujeição! Ainda quando houvesse os maiores disgustos inseparaveis das classes elevadas, que talvez redusesem á nada todas as vantagens, e a superioridade do estado civil sobre o natural; o homem obscuro, e de baixa esfera, que não conhece aquellas penas, em uma posição elevada não vê mais, que a abundancia, que contrasta com sua pobreza. Iaveja os praseres, que disfruta a oppulencia, praseres, que o mesmo habito faz fastidiosos ao rico, que pôde disfrutal-os. E qual é o criado, que pôde amar a seu amo? E qual é o apêgo dos criados? Qual é o principe realmente querido de seus cortesãos? Se preferimos nosso estado ao dos Povos selvagens, é pela impotencia á que nos tem recusido a vida civil de supportar certos males da natureza aos quaes o selvagem se acha mais exposto, que nós outros: é pelo apêgo á certos deleites, que o habito nos tem feito necessarios. Demais, no vigor da idade, um homem civilizado, se acostumaria com o selvagem á entrar no mesmo estado de natureza. Arrojado, abandonado só em uma ilha, sua infelicidade duararia até que as necessidades phisicas o occupassem bastante para o faser esquecer sua Patria, sua lingua, seu nome, e até a articulacão das palavras, e ao fim de alguns annos, se sentiria aliviado do enorme peso da vida social, quando houvesse perdido o uso da reflexão, e da memoria, que o recordasse do passado, ou o atormentasse sobre o vindouro.

Emfim como o sentimento da independencia é um dos primeiros instinctos do homem, aquelle, que ao gozo deste direito primitivo

pode accrescentar a segurança moral de uma sufficiente subsistência, é incomparavelmente mais feliz, que o homem rico, rodeado de leis, amos, preocupações, e modas, que a cada instante o fazem sentir a perda de sua liberdade. Comparar o estado do selvagem ao dos meninos, é decididamente a questão tão tenazmente discutida pelos Philosophos sobre as vantagens do estado da Natureza, e do Social. Os meninos, apesar dos incommodos da educação, estão na idade mais feliz da vida humana. Sua alegria habitual enquanto não estão debaixo da palmatoria do pedantismo, é o mais seguro indicio da felicidade, que lhes é natural. Em resumo, uma só palavra pode decidir este grande processo. Pergunte-se ao homem social se é feliz; e ao selvagem se é infeliz: se ambos respondem — não —, se acabou a contenda.

Povos civilizados, este parallelo indubitavelmente vos alligirá; porem nunca podereis sentir mui vivamente as calamidades debaixo de cujo peso gemeis. Quanto mais dolorosa vos for esta sensação, mais será a proposito para chamar-vos a attenção sobre as verdadeiras causas de vossos males. Talvez por fim chegareis a convencer-vos, que nascem do disvario de vossas opiniões, dos vícios de vossas Constituições Politicas, e das leis extravagantes, que ultrajão continuamente as da natureza.

(Raynal.)

CAMARA DOS DEPUTADOS.

Falla do Illustrado Deputado o Sr. Costa Ferreira.

Sr. Presidente, confesso que bem a contra gosto meu vou fallar, porque me acho atacado, tanto no espirito, como no corpo, pela quebra de minha saude; que muito é que aquella se ressinta, quando esta soffre? Inguenuamente o confesso; mas cumpre não ficar Estatuado; força é que falle; as circumstancias urgem; e se necessario for morrer pela Patria, para mim é cousa honrosa, e doce pela Patria morrer.

Sr. Presidente, nós devemos tomar com tento o pulso ás nossas cousas, e attender com muita circunspecção ao nosso estado politico. Disse um Sr. Deputado, que nós deviamos addiar a discussão do Parecer da Commissão Especial! Estou maravilhado, e não sou do mesmo parecer. A experiencia tem mostrado, Sr. Presidente, que eu não sou daquelles, que tem afferto tenaz á maioria, ou á minoria; voto, segundo entendo em minha consciencia: poderei ter errado, porem como estou bem com a minha consciencia pouco se me dá desses erros. Elles poderão nascer de minha cabeça, mas do coração não nascem. Para que addiar esta discussão, Sr. Presidente, hoje em dia que os partidos es-

tão barulhados, que uns minão, outros contraminão? E' este o estado, em que devemos addiar a decisão desta materia! Daremos tempo a que talvez rebente o volcão sotoposto. Mas diz-se — achamo-nos cansados!!! — Oh Sr. Presidente, é isto possivel? Estivemos aqui ociosos todo o dia. Estivemos até as duas horas da tarde; depois forão os Srs. Deputados para suas casas; comerão, dormirão; principiamos a trabalhar ás ave marias; e já nos achamos cansados? E' tão pesada esta tarefa? Ah! Sr. Presidente, se esta tarefa é pesada para os Deputados Brasileiros, qual será a leve, Sr. Presidente? Eu não sei. Diz-se que não ha perigo! He noite, as galerias estão apinhoadas de espectadores, as familias estão desassocegadas; as Tropas estão com armas nas mãos, e não ha perigo!! Eu não gosto de ver homens com armas nas mãos. Fallou-se aqui em rasfauradores. Sr. Presidente, tarde tonrará a lusir o nosso horizonte, por mais gritos que faça a terra, hum dia como o de 7 de Abril; tardê terá a Nação outro dia, com que se possa reformar.

Esse grande dia, dia verdadeiramente Nacional, foi perdido; como eu sempre disse naquella occasião em que se discutio aqui o Projecto que tratava de certas reformas nos Empregados Publicos. Projecto; que muitos Srs. emendarão, e contra o qual fallarão a final, e que desgraçadamente cahio. Nessa occasião disse eu que esperava ver ainda as nossas mãos cravadas sobre esta Tribuna, e nossas cabeças decepadas, e tambem aqui postas. Deus queira, que eu me engane, mas segundo o caminho, que as cousas levão, eu creio que os Liberaes do Brasil são outras tantas victimas pacificas, que vão caminhando para o sacrificio. Ah! Sr. Presidente, é este o nosso estado? Disse-se, que os restauradores nada fazem, quando Pinto Madeira decepou cabeças até das crianças innocentes; quando na Parahiba se matão homens a sangue frio, e se passão ao fio da espada a todos os que se encontrão; quando aqui na Capital do Imperio, se ousa proclamar a Pedro I.; quando se costuma diser — fora patife — a quem defende a actual ordem de coisa!!! Pergunto eu, Sr. Presidente, onde estão estes homens, que assim procedem? Não andão elles entre nós? Como é possivel, Sr. Presidente, que esta machina possa andar do modo que está! Qual é o homem, que tem tramado contra a Patria, que tem sido castigado: apontem-me um só; eu desafio aos Srs. Deputados que me apontem hum só. Ah! Sr. Presidente, se me é licito revolver a historia, eu não irei muito longe; irei á historia dessa Nação, que foi nossa Mãe Patria. Pergunto eu, não principiou aquella Nação a sua regenera-

ção cantando — Te Deum Laudamus — e não cantarão os Liberaes em breve — de profundis? — Assim nos acontecerá; porque todo aquelle, que em revoluções pára; morre, e as mata. Os auctores do grande dia 7 de Abril pararão, morrerão, e com elles morrerá a sua obra.

Querião-se tomar medidas energicas; disiasse — alto lá — Constituição e mais Constituição — e não se tomavão taes medidas: fallava-se em reformas; mas ninguem queria reformar, e disia-se — quem deve reformar é a caldeirinha e agoa benta — ella reformou, mas foi aos liberaes; estes forão de facto reformados, entretanto que Pamplona, e outros malvados que fingião arrependimento, zombarão da Nação! Ainda bem que alguns estão hoje pagando o crime de terem zombado com uma Nação infeliz, mas hriosa, e digna de melhor sorte. Sr. Presidente, não é assim que se salva a Nação Brasileira. Todos os Empregados nomeados antes de 7 de Abril erão da escolha de Pedro I., desse príncipe, que não queria senão escravisar os Povos; publicamente se disia que existia um trama desse conselho de Estado, que ainda hoje me horrorisa; que teve até pejo, de formar algumas de suas actas, e assignar as suas decisões provas de seus crimes. Olha-se pera o Senado, e o que se vê? Homens que estão exercendo o honroso cargo de Senador, e que são tanto Senadores como eu sou, porque não forão tirados da lista triplice, como manda a Constituição; ha no Senado até homens criminosos, que tem zombado impunemente da Nação; e são estes homens os que hão de salvar o Brasil? Se olhamos para o Poder Judiciario, o que vemos? O que fasem os Juizes? Ah! Sr. Presidente, eu por veses tenho clamado contra este e aquelle Magistrado corrupto; tenho sido atacado porisso, mas poderão estes ataques acalmar-me? Não: direi sempre a verdade, nua e crúa, embora minhas expressões não agradem. São os Magistrados, que absolverão Pinto Madeira, que quasi despoulou o Ceará, que hão de salvar a Nação? Muito tem soffrido a Nação Brasileira! Mas porque? Porque os seus Deputados a não tem querido salvar. Senhores, devemos mudar de caninho, e do contrario direi á Nação que reassuma os seus poderes, e que se livre dos monstros, que pertendem lacerar-lhe as entranhas. Ah! Sr. Presidente, e é nestas circumstancias, que se quer addiar a materia? Trabalhemos mais uma, duas, tres, ou mais horas, Srs.; quando estivermos cansados levantaremos a Sessão; mas não vamos entregar-nos ao somno, enquanto os Guardas Nacionaes estão com armas na mão. Queremos o nôsso commodo com o incommodo alheio? Pouco me embarça que sahiamos da-

qui tarde. Se há pavor de poder haver a'um malvado que assassine um ou outro Membro d'esta Casa; tenhamos paciencia, são os ossos do officio; quem quer os commodes, deve querer os incômodos, e cada hum deve morrer no seu posto. Voto contra o addiamento.

(ECHO da Camara.)

VARIÉDADE.

A' muito-tempo, que procurando nós nos Diarios de Pernambuco Correspondencias do — Somnambulo —, as não encontravamos. Mas em fim tivemos o praser de encontrarmos uma. O correspondente queixa-se da conducta dos Portugueses em Pernambuco, e confessa, que elle até certo tempo esteve illudido, quando cria, que estes homens fossem capases de emenda, e de reconhecimento para com os Brasileiros. O correspondente falla assim porque com effeito mui ingrátos são os Portugueses em outro tempo columnas, e hoje Camarurus de Pernambuco. Passando á fallar do actual Governo, assim se expressa o — Somnambulo:

Sou muito respeitador do Governo: mas não posso deixar de o censurar com a devida venia da sua imprudencia em confiar as armas a Europeos sem escolha, sem consideração, e cautela. A Regencia não tem marchado com acerto relativamente a este objecto. A desconfiança de D. Pedro, unida ao summo desejo de ver-se absoluto, deitou-o a perder; porque de uma parte aconselhavão-o com mil lisonjarias, que governasse com trambolho; de outra a cada passo o intimidavão com a idéa de Republicas, prestes a instalar-se em todas as Provincias. Parece-me, que a nossa Regencia tem-se deixado tomar do mesmo receio; e assim como D. Pedro ajudou-se dos Europeos para os seus fins, esta não os tem querido descontentar, contando com elles, como materia sempre disposta contra toda, e qualquer tentativa Liberal dos Povos Brasileiros. Quanto se engana! Ou a maioria do Brasil quer já a Republica, ou não: se não a quer; o mais, que póde apparecer, são pequenas sedicções, que abortarão promptamente: se quier; que poderão faser columnas, e Europeos? Estragos, guerra civil: mas o triumpho será sempre da maioria. Descance pois o Governo, que o Brasil por ora não deseja Republicas; porque lhê não convém: a que aspira é a Federação legalmente promovida, como um degrão mais para vir a constituir-se Democraticamente, quando for tempo, quando Deos o ajudar, e as cousas chegarem ao seu verdadeiro completamento. Assim o pensa, e francamente o publica — O Somnambulo.

(Observador Constitucional.)

Porto Alegre: Na Typographia de V. F. de Andrade, Rua da Igreja N. 36.